

UMA FESTA DE FUTEBOL NO "PEDAÇO"

Sobre: *Gingas e nós: o Jogo do lazer na Bahia* de Jeferson Bacellar, Salvador, Fundação Casa Jorge Amado (Coleção Casa de Palavras), 1991, 151 p. (Fotos de Holanda Cavalcanti).

por Michel Agier¹

Para quem se interessa por antropologia urbana na cidade da Bahia, o livro de Jeferson Bacellar é uma jóia rara. São poucos os estudos sobre a sociabilidade urbana em Salvador, poucos os estudos que tomam um bairro da cidade como universo de referência e poucas as reflexões sobre o urbano que se fundamentam na familiarização com o ponto de visto dos sujeitos. Essa familiarização, o Autor de *Gingas e Nós* tem como "natural", sendo ele próprio um "nativo" antes que um pesquisador. Nativo nos dois sentidos do termo : primeiro como morador e, depois, fiel freqüentador do bairro estudado - a Boca do Rio, na orla marítima de Salvador; segundo, como jogador de futebol enturmado há muito tempo nos grupos ora objeto da pesquisa. O estatuto dado ao antropólogo está então completamente substituído pelo estatuto dado ao amigo, vizinho ou jogador do "baba" : socialmente diferente, é claro, mas sendo do bairro estudado. São muito interessantes as páginas onde Jeferson reflete sobre a sua própria vivência do bairro, enquanto jovem morador e, depois, antropólogo (pp. 75-80). Eu acho que essa reflexão poderia ser mais desenvolvida, porque aí se encontra uma possibilidade especialmente rica de conhecimento, casando o "subjetivo" do nativo e o "objetivo" do antropólogo.

Adquirida a priori a necessária familiaridade com o "objeto", só resta formar o "outro olhar, conduzido pela reflexão teórica" (p.77), que permite ao Autor construir uma reflexão, ao mesmo tempo interna e externa, sobre uma prática popular - o futebol de bairro e de "baba" - cuja importância na vida social urbana é óbvia, e merece ser tomada a sério pela antropologia, como qualquer outro traço da identidade brasileira ou baiana contemporânea

Eu queria destacar quatro temas fortes da pesquisa de Jeferson

Pesquisador visitante do ORSTOM no Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia.

Caderno CRH, n. 14, p. 123-125, Jan./Jul., 1991.

Bacellar. Em primeiro lugar, o livro mostra como esse "baba" se formou com uma identidade própria : sai de um meio social urbano que tem uma história e uma posição no bairro. Para tanto, o livro nos apresenta um estudo da formação do bairro da Boca do Rio, no qual se destaca a invasão de Ondina. Essa invasão (formada nos anos cinquenta no atual local dos hotéis da praia de Ondina) foi destruída e sua população transferida, em 1969, para um loteamento na Boca do Rio. Desse golpe da política urbana de então, "nascia o 'pedaço' da Ondina no bairro da Boca do Rio" (p.55). Negros e mestiços, pobres e relativamente marginalizados, os novos moradores do "pedaço" de Ondina tentaram, a partir do futebol, uma primeira forma de integração no bairro. Mesmo não conseguindo uma integração social com o resto da população (antigos moradores da pequena classe média e recém-chegada nova classe média, chamando os da invasão de "índios", "bichos", "gentinha lá de cima" "trazendo a escuridão"), aprenderam que, no futebol, "podiam ser vencedores" (p.110). Assim nasceu, num confronto social urbano, a importância do "baba" entre esses moradores - que Jeferson chama de "trabalhadores urbanos", distinguindo-os da classe média em redor deles.

Segundo ponto marcante da análise de Jeferson, o "baba" se torna um espaço de reprodução dessa comunidade. Os grupos de "baba" que, aos poucos, tomaram posse das quadras instaladas na Orla em 1982, na Praia dos Artistas, são uma descendência, memória viva desse núcleo urbano do "pedaço" de Ondina, conquistando através do futebol um território próprio no meio de um espaço pensado para a classe média urbana. Essa territorialização se fez com "exclusivismo e espírito grupal" (p.87), recorrendo várias vezes à violência física para se impor. As páginas que descrevem esse momento da história da comunidade (pp.81-90), são ricas de detalhes e análises finas. Diz o Autor:

"A conquista do espaço, motivo de comunhão e júbilo coletivos, foi radical e violenta. Desta vez eles não 'voltariam para seu lugar', eles seriam os vencedores. A retradução do jogo da vida, através do futebol, possibilitava o que a sociedade mais ampla não lhes concedia, sentimentos de triunfo e dignidade, mesmo que momentaneamente" (p.89).

Daí o estudo nos faz entrar, terceiro tema, no funcionamento interno do "baba". Ele tem sua própria hierarquia, seus líderes, e uma maneira de tecer relações de poder através da reformulação das regras do jogo de futebol. Não há juiz e não é qualquer um que pode decidir se a bola caiu fora ou se houve realmente gol. Aí se vê-toda a vantagem da observação participante do Autor. É preciso ler essas páginas para entender como as hierarquias do "baba" ao mesmo tempo "relativamente" autônomas mas estão bem dentro da sociedade (pp.98-102).

Um quarto tema desenvolvido em *Gingas e Nós* é o do reconhecimento social do indivíduo, como se o tempo do jogo estivesse fora do tempo social, das realidades do cotidiano. É a "vertente igualitária" do futebol (p.105), a possível expressão do indivíduo através do desempenho na quadra, aos domingos. Quer seja ele motorista de taxi, biscateiro, operário da construção civil ou funcionário público, ele pode se tornar, no espaço da quadra, herói:

"Existem os craques, os donos do futebol-arte, da ginga, do bailado, da malícia, do toque certo, possuidores de fama, respeito, admiração no 'pedaço' e no grupo, diferenciados da massa de potenciais jogadores. (...) A emoção intensa, o drible, o domínio da bola, o chute certo, a intuição do gol, a velocidade, o passe genial, estarão sempre abertos para todos (...) A imprevisibilidade do jogo, onde todos podem vencer, vem à fona pujante no plano individual : todos podem ser heróis" (p.106).

Fica claro, ao curtir o livro de Jeferson Bacellar, que o "baba" por ele descrito e analisado se torna um espaço de resistência à dominação, criando para tanto outras dominações, próprias, frágeis e efêmeras, que precisam de muitos palavões e muitas "pancadas" para se impor, durante as poucas horas semanais dessa festa comunitária duramente conquistada.

Esse livro, de leitura agradável, é sem dúvida uma contribuição importante ao conhecimento da sociabilidade urbana na Bahia Tomara que venham outros da mesma "categoria".